

CARTA DO EDITOR

A primeira imagem que nos vem à mente quando escutamos a palavra pantanal é a de um campo verdejante, com vegetação baixa e algumas poucas árvores, repleto de animais selvagens, principalmente de jacarés e de aves com vários tamanhos e cores, todos caçando peixes em lagoas e lagos extensos. Apesar de parecer um sonho, essa visão popular do pantanal realmente existe. Os artigos que compõem o dossiê “A paisagem e a biodiversidade do Pantanal” evidenciam que o pantanal também é composto por vários tipos de ambientes, o que torna este bioma único e muito importante para a manutenção da biodiversidade.

Um destes ambientes característicos é o chaco, uma área de floresta seca localizada no sudoeste do pantanal. Além de ser pouco conhecido pela maioria das pessoas, o chaco também é pouco estudado. Há poucas pesquisas sobre a atuação das condições ambientais destas florestas, tais como os ciclos de inundação e de seca, na estrutura e na composição florística das comunidades de plantas e de animais. No artigo de Baptista e colaboradores, foram apresentadas informações sobre a estrutura populacional de duas espécies vegetais, *Albizia niopoides* (conhecida como angico-branco, farinha-seca ou mulateira, no Mato Grosso do Sul) e *Mimosa hexandra* em uma área de chaco no pantanal. Foram encontradas diferenças na estrutura populacional destas espécies entre as duas áreas estudadas, relacionadas principalmente à altura das plantas, o que pode ser um indicativo de populações estáveis e autorregenerativas. Apesar de estarem amplamente distribuídas no Brasil, este é o primeiro estudo sobre a estrutura da população destas espécies no pantanal.

Além de ambientes terrestres, este bioma também é composto por ambientes aquáticos, tais como os encontrados nos rios. Neste dossiê, dois artigos apresentaram os resultados sobre a fauna de plantas aquáticas de rios e lagos do pantanal. No artigo de Moreira e colaboradores, as plantas aquáticas de vários braços do rio Paraguai foram inventariadas. Neste estudo, foram registradas 53 espécies de plantas aquáticas, pertencentes a 38 gêneros e 23 famílias. Já no artigo de Ximenes e colaboradores, o inventário foi realizado no Parque Natural Municipal da Lagoa Comprida, onde foram encontradas 54 espécies, pertencentes a 41 gêneros e 27 famílias. Em ambos os estudos, as famílias mais numerosas foram Cyperaceae (família da pripioca) e Poaceae (família das gramíneas), indicando que as plantas destas famílias são componentes importantes dos ambientes aquáticos do pantanal.

Ainda em relação às plantas aquáticas, Catian e colaboradores observaram que existe sincronia entre os ciclos reprodutivos e os de inundação deste bioma no que concerne a duas espécies do gênero *Polygonum*, *P. hispidum* e *P. punctatum*. Ou seja, as diferentes fases de inundação influenciam diretamente na produção de flores e frutos destas espécies.

Neste dossiê também foi publicado o resultado de um levantamento de plantas do grupo das angiospermas (plantas que produzem sementes) de oito áreas de buritizais do pantanal, as quais têm este nome por predominarem nelas as palmeiras conhecidas como buriti (ou como miriti, na região amazônica). Moreira e colaboradores escolheram estas áreas por desconfiarem que elas poderiam ser veredas, isto é, um tipo de formação vegetal característico do cerrado, que ocorre nas florestas próximas de rios, onde, geralmente, há predomínio de buritis em meio a plantas arbustivas e/ou herbáceas. Dada a singularidade e a fragilidade das veredas, elas são protegidas por lei, o que ainda

não ocorre no pantanal. Neste levantamento, foram encontradas 385 espécies de plantas com sementes, sendo que uma destas é considerada rara e ainda não havia sido registrada para o pantanal. Por meio da comparação da flora das áreas de buritizais amostradas com a de áreas de vereda do cerrado, os autores concluíram que duas áreas de buritizais do pantanal devem ser tratadas como veredas e, desta forma, receber a mesma proteção das que estão no cerrado.

O buriti é uma palmeira bastante comum no cerrado e na região amazônica, mas é pouco comum no pantanal. Esta é uma das palmeiras mais importantes sob os aspectos culturais, ecológicos e econômicos. Apesar disso, há poucos estudos sobre a diversidade genética desta espécie no Brasil, onde os impactos antrópicos têm causado a fragmentação populacional desta espécie. No artigo de Sander e colaboradores, que objetivaram verificar se existe conexão entre as populações do pantanal e do cerrado, foi observado que as populações de buriti destes dois biomas já estiveram conectadas. No entanto, atualmente, as populações do pantanal estão se tornando isoladas das demais, já que elas não estão conseguindo realizar trocas de informações genéticas, o que pode estar sendo causado e/ou intensificado por mudanças ambientais antrópicas.

Já deu para perceber que o pantanal possui vários tipos de ambientes. No artigo de Frota e colaboradores, realizado na Estação Ecológica de Taiamã, foram encontradas as seguintes unidades funcionais: Áreas Permanentemente Aquáticas, Áreas de Transição Aquática e Terrestre com predominância Terrestre e Áreas Pantanosas. Além disso, foram encontrados seis macrohabitats, sendo que os dois mais representativos são Campo Flutuante (Batumes) e Campo Inundado.

Dada a singularidade da paisagem pantaneira, muitas áreas estão localizadas dentro de Unidades de Conservação (UC), as quais têm por objetivo evitar que elas sejam degradadas pela ação humana. Mesmo assim, estas áreas podem, eventualmente, ser afetadas por atividades humanas não autorizadas. No artigo de Miranda e colaboradores, foram utilizadas ferramentas da geotecnologia para verificar se têm ocorrido alterações na paisagem em cinco UC do pantanal brasileiro. Eles verificaram que três UC foram efetivas como área de proteção ambiental, enquanto as outras sofreram algum tipo de alteração e, portanto, necessitam de mais monitoramento.

Além de proteger a paisagem e os seres vivos, as UC do pantanal propiciam também a sensação de bem-estar para a população do seu entorno, como é o caso do Parque Nacional do Pantanal. Os resultados deste estudo foram apresentados por Façanha e colaboradores, no artigo intitulado “Avaliação Ecológica do Milênio aplicada a uma comunidade tradicional do Pantanal, Mato Grosso, Brasil”.

Como mencionado nos parágrafos anteriores, o pantanal é um mosaico de ambientes, os quais, por sua vez, apresentam um conjunto único de espécies, principalmente de vegetais. Por esta razão, cada um destes ambientes deve ser devidamente estudado e protegido. No entanto, como mencionado no artigo de Queiroz e colaboradores, intitulado “Geoambientes no Pantanal do Abobral, Mato Grosso do Sul”, os aspectos do solo também devem ser levados em consideração para o planejamento e a gestão das paisagens pantaneiras. Neste estudo, os autores caracterizaram unidades espaciais da região pantaneira conhecida como Pantanal do Abobral, por meio de atributos físico-químicos dos solos.

Por fim, na nota científica de Mendes e colaboradores, foi demonstrado que as flores de paratudo (*Tabebuia aurea*) são um recurso alimentar para várias espécies de aves, de beija-flores a aracuãs (um parente do mutum), no pantanal. Das 12 espécies de aves registradas consumindo as flores de paratudo, somente três de beija-flor não destroem as flores durante a atividade de alimentação.

Todos os artigos desta edição do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais foram desenvolvidos parcialmente ou totalmente no pantanal, compondo o dossiê temático, organizado pela Dra. Maria de Lourdes Pinheiro Ruivo (MPEG). Nas próximas páginas, as pesquisadoras Dra. Maria de Lourdes Pinheiro Ruivo (MPEG) e Dra. Carolina Joana da Silva (Universidade Estadual do Mato Grosso) apresentaram um texto introdutório sobre este dossiê.

Gostaria de agradecer a Dra. Lourdes Ruivo, pela iniciativa na organização desta edição, e a todos os autores que contribuíram com os seus artigos. Sou muito grato também a todos os pesquisadores de várias instituições do Brasil, pela avaliação dos artigos, que, infelizmente, por questões éticas, devem permanecer anônimos. Além disso, sou muito grato a Rafaela Lima e a Talita do Vale, pelo admirável trabalho na editoração desta edição, e ao Dr. William Leslie Overal (MPEG), pela generosa ajuda na revisão cuidadosa dos textos em inglês e, algumas vezes, em português, de cada um dos artigos. Agradeço também a Daniel Loebmann, pela belíssima foto que compõe a capa deste número.

Fernando da Silva Carvalho Filho

Editor Científico